

## PREFÁCIOS

O presente trabalho de dissertação de mestrado produzido pelo ilustre professor Amândio Faustino Ferreira Tavares, sob a orientação do ilustre Professor Doutor Armandino Cordeiro dos Santos Rocha representa para a rica História da Contabilidade em Portugal não só mais uma contribuição, mas, algo que merece louvor face a excelência e felicidade na escolha do tema.

Jaime Lopes Amorim foi, é, continuará a ser sempre uma evocação sobre as bases da ciência da Contabilidade de teor patrimonialista.

O referido mestre de mestres perpetuou-se pela qualidade de seus pensamentos, em uma época em que a Europa vivia uma ebulição de doutrinas de marcante influência, notadamente oriundas da Itália, Alemanha e França.

O início do século XX caracterizava-se por uma afirmação do conhecimento contábil no que tange à indagação sobre a essência dos fenômenos quando o mestre português atingiu o núcleo do assunto com visão objetiva enfocando com realidade a riqueza e seu comportamento.

O mérito intelectual se afere pelo valor das idéias, passando as mesmas a ter o cariz do gênio que as produz.

O patrimonialismo, portanto, tem para mim virtualmente a face de três iluminados seres: Vincenzo Masi (Itália), Francisco D'Áuria (Brasil) e Jaime Lopes Amorim (Portugal).

Por concessão privilegiada do destino aos três tive como amigos e pessoalmente com os mesmos relacionei-me no campo do diálogo científico.

Foi ainda na primeira metade do século passado que mantive meu primeiro contato com Lopes Amorim.

Não dispúnhamos dos recursos exuberantes da era eletrônica, mas, nossas correspondências eram mantidas com rara frequência, em constante câmbio de opiniões.

Foram eles fontes em minhas Bibliografias, como fui eu na deles, em um processo de integração e interação relevante; foi isto que me motivou a produção de uma Teoria Geral do Conhecimento Contábil que daria origem a uma corrente científica derivada daquele dos três gênios referidos.

Foi, todavia, em razão de minha obra “Filosofia da Contabilidade” (editada em 1952) que pela primeira vez dissentimos de Lopes Amorim, embora não frontalmente.

O mestre não usava “meias palavras”; sincero como todo o ser honesto intelectualmente um dia surpreendeu-me, no início da década de 50, com um artigo na Revista de Contabilidade e Comércio, do Porto, contendo algumas advertências ao que eu escrevera sobre as teses patrimonialistas.

Com justa razão defendeu ele a sua posição sobre o conceito de “equilíbrio patrimonial”, este que formava a base de sua doutrina.

Era eu na época um “iniciante” na doutrina em que Lopes Amorim já era um consagrado erudito.

Respeitadas as distâncias com respeito mantivemos o dialogo pelas páginas da própria revista.

Em momento algum deixamos a elegante forma de ater-se a idéias, em vez de atingir pessoas.

Embora existam seres que confundam réplica com agressão esta não foi a nossa tônica, mas, sim, a da manutenção de uma troca de idéias sob a égide da Ética.

Por fim chegamos a um acordo; eu havia mais aprendido mais que lecionado, enriquecendo minha forma de entender os objetivos culturais do excelso mestre.

Tal a minha admiração por esse baluarte da Contabilidade que muitos anos mais tarde, ao formular minhas teorias, as que hoje sustentam o Neopatrimonialismo, tive por subsídio as construídas por Lopes Amorim.

Tal ocorrência é revelada para evidenciar com que interesse e satisfação li este trabalho do emérito professor Amândio.

O autor procurou trazer a luz raízes da história lusitana no campo contábil que muito enriqueceram o entendimento sobre as origens culturais e valorizaram o destaque que justamente ofereceu ao grande mestre Lopes Amorim.

Parece-me ainda ser ontem mesmo quando tive a felicidade de lecionar em mestrado a cadeira de História e Filosofia da Contabilidade, na Universidade do Minho, tendo como diletos alunos, dentre outros esses hoje tão ilustres historiadores Prof. Joaquim Fernando da Cunha Guimarães e Amândio Faustino Ferreira Tavares, autor desta obra.

É deveras gratificante para quem ensina postar-se mais tarde como discípulo ao ler as obras dos antes alunos, hoje mestres.

É como ouvir-se em som ampliado pela genialidade e esforço dos antes discípulos, hoje docentes.

Se permitido fosse um aforismo, virtual, mas reflexivo, diria que é “aprender-se”; ou seja, tornar-se submisso a si mesmo se tal imagem se permite, sob a ótica de aprender com a quem antes se ensinou; foi assim que me senti ao ler o trabalho do professor Amândio.

*Outubro de 2008*  
*Antônio Lopes de Sá*